

O especialista, especificidade da alma

Daniel Delouya

A partir de uma lembrança suscitada pela leitura do artigo anterior, reencontramos o especialista no cerne do nosso campo, desvelando algumas divergências sobre a posição epistemológica a tomar em relação a campos vizinhos.

O especialista, especificidade da alma¹

Eureka, descobri meu especialista! Mas não foi tão feliz assim: doeu, derramei algumas lágrimas, porém ele, o meu especialista, nada tem a ver com isso. Sendo uma lembrança - mais de trinta anos se passaram - é preciso que eu a situe no tempo e no espaço.

Cresci num desses bairros situados na fronteira com o inimigo e que também era afastado do centro. Nenhuma criança nascera no lugar antes de eu e a minha família ali chegarmos. Só havia imigrantes. Era um desses

“paraísos” de cuja existência Deus jamais se daria o luxo de ignorar ou de se lembrar de esquecer; terra fértil para esses bandeirantes, que acabam batizando as ilustres páginas da história, e em cujo sangue fervilha a ideolo-

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, São Paulo SP, e pesquisador, pós-doutor no Programa de Jovem Pesquisador da FAPESP, no Laboratório de Psicopatologia Fundamental (LPF) do Núcleo de Psicanálise do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP e do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da USP.

gia que, embora sincera, torna a ser, de praxe, cega, rude, estúpida e ignorante à história, aos sonhos e às paixões - à vida, em suma - dos que pretende se sacrificar para a realização de sua utopia.

O caminho até ele foi emergindo da memória, após a leitura, evocando um homem, uma transferência, um mundo que já se foi.

Criou-se ali, porém, muita vida (algo que o homem de cima não poderia prever): muitas línguas, oito ou mais, que ainda consigo identificar; cheiros, costumes e nuances de modos de viver e de práticas religiosas, e outras diferentes, estendendo-se ao longo de um espectro curioso desde as tradições judaicas do leste europeu até aquelas desenvolvidas nas comunidades dos países norte-africanos; sem falar dos que vinham de nossos vizinhos - o inimigo - do outro lado da fronteira e cujas vozes, canções, cheiros e luzes nos chegavam ao entardecer, quando a noite começava a pairar sobre esta pequena comunidade que nada sabia da ideologia que começara a traçar seu destino... Ideologia estranha esta que pretendia fazer do país um *melting pot* e que, no entanto, só fazia o oposto, ou seja, isolando, de dentro e de fora, seus imigrantes, sua geração do futuro...

Tendo sido repetidas vezes imigrante (nem sempre é tão fácil renunciar a um trauma), acredito que esta minha trajetória, enquanto adulto, foi "fichinha" perto do que era a daquelas gerações... Não se

produzem mais imigrantes como antigamente!

A vida foi dura então. Era preciso dividir as tarefas. Por ser homem, mamãe me encarregou de cuidar dos sapatos; levá-los ao sapateiro. Eu não vejo mais sapateiros. Sei que ainda existem - não fujo deles, não - mas disponho do que parece ser um afiado arsenal alucinatório-negativo que me poupa, com perfeição, de notar a existência de seus estabelecimentos. Custou-me achar a palavra em português; só ressoava na voz de outra da minha mãe, recordando-me: "*Dani... les souliers... le cordonnier...*". Em termos práticos esta era uma das tarefas mais fáceis de se executar, porém do ponto da vivência, a mais custosa, e, no entanto, a mais solene pois tratava-se do *meu* especialista, o único que conheci. O caminho que me levava até ele foi emergindo na memória, em fração de segundos, após ler o

texto de Rubens, evocando das cinzas um trajeto, um homem, uma transferência, ancorados num ambiente e num mundo que já era, já se foi... Saudades.

Para chegar até sua casa, era preciso percorrer um pequeno trecho, no máximo trinta e cinco metros, no decorrer do qual os batimentos, o medo, a ansiedade, a emoção, prolongavam em muito o percurso. Um prédio, a segunda entrada, cortava-se o caminho para dentro do jardim onde já se faziam ouvir os batimentos firmes, que, assegurando sua presença, misturavam-se com os do meu coração. Tomava coragem, subindo sobre o banco de madeira, que era, diga-se de passagem, longe de ser apropriado para os baixinhos. E, esticando o corpo sobre as pontas dos pés, chegava até a janela, dando de cara com um homem de uma boa estatura, forte, sentado num quarto de apenas um metro quadrado e cheio de sapatos. Mergulhado em seu trabalho, imerso nos decididos movimentos, não parava, nem dirigia o olhar; parecia ignorar minha presença. Eu o fitava, lançando olhares furtivos em sua direção que, aos poucos, se deslocavam da sua cabeça curvada sobre o sapato às mãos ocupadas no feitiço, deixando-me fascinado e indagando-me sobre a transmissão deste *savoir faire*, de cima para baixo. Notava, é verdade, o número impresso na carne viva de sua forte e imensa mão em movimento (como vim a perceber em muitos dos pais de meus colegas), e cujo significado só entenderia mais tarde.

Nesses poucos minutos o medo começava a ceder seu lugar para o prazer - o privilégio de adentrar no mundo dos segredos compartilhados, concedidos a poucas crianças, e onde um cofre de enigmas estava prestes a se abrir a minha frente... quando, de repente, a cena se interrompia: o homem, cujo nome sempre ignorei, levantava a cabeça

e num sotaque romeno, uma voz rude e impaciente, perguntava “o que quer?” O seu ríspido nervosismo acordava-me, fazia-me lembrar do motivo que ali me trouxera; o tempo recomeçava a escoar em seu nexo habitual; lembrava dos sapatos que deixei sobre o banco. Quando eu os mostrava e antes que pudesse explicar-lhe qualquer coisa, gritava ele rudemente e, num hebraico distorcido e quase incompreensível, ordenava “quarta feira, 16h, é tanto... e... agora vai.. vai”, vigiando atentamente, contrafeito, o meu sumiço, antes de voltar ao seu trabalho - nestes segundos, parecia-me que, a seus olhos, meu corpo minava seu jardim. O chute que acabava de sofrer trazia-me novamente à realidade; o temor que se reinstaurava através de seu gesto começava a esvanecer-se, protelando seu renascimento para a próxima “sessão”, da quarta-feira. A idéia de uma análise lacaniana me aterroriza até hoje...

Narrar uma análise, e a sua própria, é quase impossível; qualquer tentativa empobrece tal intenção. O meu “posto”, que ocupei alguns anos, desde 7-8 anos, guarda suas semelhanças com a análise, dificilmente passíveis de serem transmitidas aqui. Gostaria apenas de ilustrar através de alguns momentos os possíveis paralelos que é possível traçar.

O homem ao qual me reporto era, afinal, um ser um tão comum dentre aqueles que constituíram a minha paisagem humana, este entorno para o qual eu começava a acordar: era alguém que vinha “daquele lugar”, dos campos de extermínio, onde perdeu, provavelmente, a maior parte dos seus. A única coisa da qual sabemos ao certo é que para a máquina ariana ele não passava de um lixo humano, um incômodo do qual era preciso se livrar. A ignorância do entorno, a amargura sem cor, a rudeza, o silêncio, a fala abrupta,

aparentemente rancorosa, e, principalmente, o silêncio absoluto sobre o próprio passado fazia parte desta carapaça através da qual essa gente tentava lidar com um passado do qual esforçavam-se em se cindir, pagando o preço de apenas tentar prosseguir sobrevivendo.

Nas noites de verão permanecíamos até muito tarde na rua. O calor infernal, a espera pelo vento, o céu estrelado, nos levavam a fazer pequenas caminhadas. De uma certa distância avistei - evento raro - num desses dias, o meu sapateiro e sua companheira, uma mulher robusta, pesada; os dois sentados sobre a mureta de seu jardim, silenciosos, ou falando baixinho em sua língua. Reconheço hoje a melancolia branca espriada em seus rostos; as vestes leste-européias em suas típicas cores escuras e em camadas sucessivas - tamanha aliena-

Para mim, no entanto, nada disto; meu sapateiro era único, muito especial. Lembro claramente de um dia no qual fui vítima de uma surpresa, um estranhamento (“então é um homem de carne e osso!”) ao vê-lo voltar da mercearia. O fato chocou-me. A sensação e a imagem desta experiência são nítidas na minha lembrança. Surpresa e estranheza, muito parecidas com aquela que uma de minhas pacientes conseguiu pôr em palavras depois de me ver voltando de um sacolão carregando frutas e verduras; ela não me incluía no seu tecido mental enquanto ser comum, como ela e outros que iam ao mercado, comiam, etc. Uma sensação semelhante, porém mais aguda - pela revolta e dor que um vislumbre de tal reconhecimento pode causar - ocorreu quando encontrei meu herói num posto de saúde esperando para ser aten-

O posto ocupado naqueles anos guarda semelhanças com a análise.

Surpresas e estranhamentos parecidos não faltam ao campo transferencial da cena analítica.

ção do mundo que os rodeava - parecem-me ter sido a única maneira de poderem preservar, no corpo e no que o cobria, a lembrança atuada do ambiente das origens, o do antes, do qual haviam sido abruptamente exilados e podados pelo nazismo.

dido. Jamais imaginava que pudesse ser acometido dos males comuns - adoecer - ou que tal categoria, a doença, aplicava-se a ele! Decepções e estranhamentos deste gênero nunca faltam à festa do campo transferencial da cena da análise; quantas vezes não abrimos, em nos-

so foro íntimo, um leve sorriso, cheio de ironia amarga, ao ouvirmos um discurso, vindo do divã, que parece não cogitar a possibilidade de que o homem da poltrona tenha uma vida muito mais desgraçada, e um psiquismo muito mais comprometido do que o dele, o paciente, e que a patologia deste possa ser, em tese, motivo de inveja por parte do *especialista* que o escuta...

Trata-se então de fenômenos banais e conhecidos da transferência e que dizem respeito à situação edípica, própria a esta geometria invisível e constitutiva do sujeito. Entretanto, esta condição infantil que delega, atribui, *supõe um saber* - em suma, uma *especialidade* - ao psicanalista, não é qualquer coisa; é a condição necessária, imprescindível - instaurada pela justa distância do *setting* que o corpo do analista acaba por intensificar - para promover precisamente este trabalho do infantil, a análise mesma.

ção o *especialista*. Quanto à especificidade, parece-me que acompanho Rubens e sou solidário com sua posição. Entretanto, o *especialista*, enquanto destinatário, está aí, *deve* estar aí. Acho que Rubens concordaria comigo. Porém, seu trabalho está voltado, e põe o acento, mais sobre o que parece nos diferenciar dos demais ofícios. Concordo em termos, já que se trata de uma das querelas sutis e educadas com os de fora de casa. Minha preocupação é outra. Chego portanto ao ponto onde pode haver uma discordância mais do que uma simples diferença de ênfase: se excluirmos a discussão em torno de questões relativas ao mercado e apoiadas no imaginário social do eu-ideal - "sou especialista do pânico", "exporto só mulatas, loiras não são minha área..." - é preciso reconhecer que na psicanálise, mais do que em outros ofícios, necessitamos sim de uma "especialização" e das mais

operativa, adquirida em passos regradados.

Mas (aí vem a discordância) é preciso distinguir essa especificidade de algo que tem em comum (sob a nuance que lhe é própria, é verdade) com outras habilidades adquiridas em outras áreas: o "faro" que alguns analistas possuem para reconhecer e ter acesso a alguns fenômenos e interpretá-los corretamente para si, tem muita semelhança com a maior parte, se não todos, os fazeres humanos: do meu sapateiro inclusive. Quem não gostaria de ter a acuidade perceptiva, vivida e sentida, de alguns kleinianos (como Meltzer), o faro de Searles, a penetração de Green, a sensibilidade de Stoller ou a finura fenomenológica em relação a certas configurações clínicas e da clínica da teoria (penso aqui em Fédida)? Mesmo quando não se aspira a tanto é preciso lembrar que, além do talento, a experiência conta. É verdade que é preciso muitas vezes desaprender com a experiência para ter acesso e abrir-se a novas e inusitadas experiências. No entanto, é ela, a experiência, o cerne do acesso ao saber *provisório* que temos das coisas.

Tudo o que disse até o momento é óbvio, lugar comum; no entanto, é importante reiterá-lo porque existe um elogio excessivo à psicanálise onde formulações como as de Rubens - a despeito de suas intenções que são circunscritas e muito justas - tendem a incorrer no risco que os ingleses chamam de desconsiderar o óbvio (*disregarding the obvious*). E outra, mais do que óbvia: o verdadeiro especialista nunca se considera enquanto tal; sempre existe, diante dele, um largo e longínquo horizonte, desconhecido ou por conquistar, da mesma forma que nossas habilidades, motivo de encantamento aos olhos de crianças (como eu diante do meu sapateiro), nos parecem muito insuficientes. E é isto, aliás, que faz o especialista conquistar mais, contri-

É preciso distinguir a especificidade da psicanálise - sua apropriação subjetiva - do que ela tem em comum com habilidades adquiridas em outras áreas.

Ponho a ênfase, então, não sobre a especialidade mas sobre nossa *especificidade*, este plano inter&intra-psíquico em sua configuração transferencial particular, que curiosamente tem como condi-

longas e árduas, pois trata-se, afinal, de uma apropriação subjetiva, não só da habilidade, mas da própria coisa - decorrente da sua especificidade - que seria incerta se temos a ilusão de que seja

buir mais - como é o caso do nosso Freud - e a cada momento o horizonte acima tende a se alargar e ficar mais afastado - paradoxal mas *that's life!* O ensinamento socrático, “quem sabe sabe que não sabe”, é tão cotidiano quanto imperceptível a ponto de ser preciso evocar Lacan para nos fazermos re-surpreender.

A ideologia entre psicanalistas ou os paradoxos em relação a seu saber

Não sei bem como definir uma ideologia. Entretanto, eu diria que ela parece abrigar a seguinte sugestão: “tenho algo de seu interesse e que você não encontrará em nenhum outro lugar, portanto, *venha comigo!*”

Sou sensível a tais mensagens e à promessa ilusória que comportam. O paradoxo está, no meu entender, na persecutoriedade latente sobre a qual se fundam, devido à incerteza dos próprios contornos e, por conseguinte, do próprio estofo. Por mais relevante que seja não vou me reportar, a este respeito, a Freud (ou Klein ou Lacan) nem à dialética do ódio através do qual o *ego* incipiente surge das sombras do outro. E eu também não gostaria de reduzir este fenômeno à *identidade* ou à identidade *em crise* como faz Rubens - aliás, com muita propriedade - se para isto é preciso alcançar rapidamente a terra firme: a contraposição com os “outros”. Sossegar-se na crise mostrando-se nada incerto quanto ao positivismo, ao cartesianismo e outras pechas dos “outros” tende a escorregar rapidamente numa esperteza onde alguns conseguem lucrar em nome da crise. Vou me restringir a algumas colocações epistemológicas espalhadas pelo grupo dos psicanalistas:

Que se inveje hoje a ciência pela sua produtividade, é pena que isso desperte somente as angústias de aniquilamento, o que, por sua vez,

ativa projeções desmedidas a seu respeito. Falar de positivismo, em relação a esta, é tolice pois é sob *um princípio oposto* que a ciência adquiriu seus fundamentos 300-400 anos atrás, e assim permaneceu. Sei que tal ignorância encontra grande apoio na proclamada erudição de filósofos que acham que sabem das coisas e que acabam gerando uma

- tamanha confusão epistemológica - de alguns cientistas distintos que tentaram lucrar no campo das ciências sociais, propondo a chamada *nova aliança* que é uma “baita de uma fria”.

Palavras duras, denunciatórias? Sem dúvida! No entanto, uma embalagem macia e de marca conhecida não garante um conteúdo ino-

É paradoxal ver como alguns colegas adquirem com facilidade os ornamentos recentes, os chamados *novos paradigmas*.

Como é possível xingar tanto a ciência e depois assujeitar-se a um pacote prontamente dado?

fileira de papagaios. É lamentável que Rubens caia de mansinho nesta emboscada acalentadora. Confundir medicina com ciência é tão errôneo quanto fazê-lo em relação à engenharia, às prendas domésticas, à faxina etc. O fato de que tecnologias como a medicina, a arquitetura e a fotografia comam nas mãos da ciência, desenvolvam-se a partir dela, não é motivo para colocá-las no mesmo saco. E mais: é curioso, paradoxal, no mínimo, ver como alguns colegas, ao querer estar *in*, isto é, na chamada contemporaneidade (mais chique do que a velha modernidade), adquirem com facilidade os ornamentos recentes, os chamados *novos paradigmas*, com os quais adornam seus discursos, e que nada mais são do que um civilizado “papo furado”

fensivo. Afinal, toda a “esperteza” do HIV consiste, infelizmente, em poder se apresentar como um *velho conhecido*...

Pois pergunta-se como é possível xingar tanto a ciência e depois assujeitar-se a um pacote prontamente dado - à semelhança das velhas alianças entre o primeiro e o terceiro mundo, em que o primeiro traz a tecnologia e o terceiro, além de fornecer o material, *paga* o custo, para alcançar a marcha do tempo - senão pela fraqueza, inferioridade mascarada e pelo terreno movedicho no qual sente pisar?!

Se deixo aqui meu protesto contra uma certa ignorância civilizada, é para convidar meus colegas a uma incursão que pode ser proveitosa caso queiramos realmente visitar um vizinho para poder colocar em

perspectiva *o próprio* campo. Freud soube fazer isto!

Analistas que “defendem” a psicanálise tendem a nos apresentar uma das versões do seguinte manifesto, no sentido ideológico do termo: “somos especiais, porque diferentes de outros que situam-se...(texto principal)... bem longe d’*A verdade* pois essa está conosco. Porém não é tão fácil explicar do que consiste, tampouco porque é *A*

rar as teorias que produz com o conhecimento que adquirimos pelo trabalho analítico.

Uma coisa é o uso eventual que se possa fazer de teorias e descobertas científicas enquanto parte dos acervos metafóricos disponíveis à apreensão clínica e aos artifícios modelares da teoria e da metapsicologia (como é o caso em Freud). Outra coisa é querer redimensionar Freud sobre a rede das novas con-

ciência tornaram-se *o dogma atual da globalização do saber*, seja qual for sua origem ou natureza. Deve-se denunciar tal petição em nome da contemporaneidade, que vem se alastrando como fogo em um campo de centeio, para ampliar demasiadamente a banalidade das teorias de Kuhn. Pois esta visão que reduz os campos dos saberes colocando-os sob a ótica dogmática de um relativismo histórico - é essa a culta estreiteza do paradigma - nos compromete com uma racionalidade semelhante àquela em nome da qual foram cometidos os mais desastrosos crimes do Ocidente. Não é nocivo buscar uma concordância cotidiana na frase “antes eram os *maillots*, hoje são os biquínis”, o que sintonizaria com as eloqüentes articulações entre os paradigmas de hoje e os de ontem. Porém, a lógica não é diferente quando se afirma algo como: “antes era preciso liquidar a raça vermelha, hoje é a vez da amarela”. Tal é a pobreza e o perigo do arrazoado historicista! Se falei acima de um duplo equívoco é porque o paradigma tende a escamotear tudo o que é essencial na ciência, e há por que se preocupar com um destino parecido caso fiquemos deslumbrados e queiramos adotar esta visão para a psicanálise. Pois, do lado da ciência, não é o conteúdo e nem mesmo a “forma de pensar e agir” que essas teorias abrigam que fazem dela o que é: a teoria dos humores da imunologia moderna tem suas raízes já em Hipócrates, e mesmo o cerne do que Einstein tinha a dizer sobre o tempo encontra-se nas antigas fontes da filosofia chinesa - o que significa que as respeitadas damas modernas carregam consigo suas estórias de origem. O que distingue a ciência, o que a dota de uma especificidade, não são seus paradigmas mas seu *método*, ou, em outras palavras, o modo de acesso ao seu objeto, que não se alterou desde Copérnico e Galileu. É também a especificidade

Freud jamais cedeu a qualquer das teorias reinantes, a menos que coadunassem com as conseqüências às quais o levava seu método.

verdade...”. Há de se perguntar, então, o que os leva a aferrarem-se a este raciocínio? Pois se dispomos de uma especificidade que consiste em se ater na transferência *à imagem da vivência*, no lembrar ou no acesso à linguagem, ou, na teoria, à imagem do fantasma, à metáfora, por que este recurso freqüente a querelas semelhantes àquelas referidas no talmude em torno de brigas de vizinhos (“é minha” diz um; e o outro, “mentira! sua nada, é minha!”)?

Na medida em que a ciência se coloca como adversário, não me parece que exista motivo para isto. O que a ciência exerce e o que ela recolhe como fruto não tem relevância alguma para o nosso fazer; não existe nenhuma base para compa-

tribuições da ciência moderna, como almeja um respeitado colega, Alcimar A. Souza Lima². Recomendação que não deixa de introduzir um equívoco duplamente alarman-te: que Freud tenha sido treinado no campo da ciência, e que sua obra contenha inúmeros indícios de que tenha feito uso de modelos da biofísica, da teoria da evolução, da citologia etc. do seu tempo, tende a ofuscar o fato de que ele jamais cedeu a qualquer uma das teorias e concepções reinantes, científicas ou não, a menos que coadunassem com o que tinha derivado da apreensão do psíquico, ou seja, com as conseqüências às quais o levava seu método (veja-se sua posição lamarckista).

Os chamados paradigmas da

do nosso método que torna nosso campo o que é - o que lhe é peculiar. É apenas na conversa com o método científico, comparando-o com o nosso, com nosso modo específico de acesso ao objeto e sua relação com este, que algo pode se tornar proveitoso para nós.

A importância do recurso à imaginação, à linguagem, no sentido psicanalítico do termo, é condição para a criatividade em qualquer área. Porém, na ciência, tanto o material quanto a moldagem específica como, e principalmente, o sistema de leis e regras que regem a validação de suas inferências - seus produtos - têm uma lógica precisa que é *exterior* à fonte da linguagem. O que não é o nosso caso em que a área da especificidade da qual falamos acima é não apenas a fonte, mas também o meio, o objeto e o parâmetro (princípio de validação) de julgamento e processamento deste conhecimento. É este afinal o nosso lema: *pathos* enquanto meio de acesso - princípio *fundamental* - para a *psique*. (Tal interioridade descarta, a meu ver, qualquer possibilidade de que possa haver um discurso epistemológico - que só tem lugar enquanto exterior à um campo - sobre a psicanálise).³ Não é questão aqui de solipsismo de qualquer tipo. Porém há que se perguntar - como não cansa de exigir um colega, Ney Branco (filósofo e psicanalista) - qual seria o acervo semântico que lhe daria forma? Pontalis, se não me falha a memória, disse em algum lugar que a psicanálise é como uma tribo nômade que a cada momento e lugar precisa reerguer seus fundamentos. Quanto a mim, contento-me com o nosso *fundamental*, acima delineado. Quanto à exigência de Ney, é preciso reconhecer o quanto os filósofos e a abordagem filosófica nos têm prestado seus serviços para a definição dos conceitos, a fundamentação, o estabelecimento de uma coerência e de um arrazoado,

e a análise de um movimento de pensamento, além de ancorá-los todos no solo cultural, na história, etc.⁴ Ao mesmo tempo, e para que esses tenham uma utilidade metapsicológica e clínica, penso ser necessário haver um deslocamento constante deste plano, recrutando seus objetos e os inserindo novamente para dentro do trabalho da linguagem, do plano metafórico. É nestes trajetos, sinuosos e elípticos, entre os dois planos, que é muito fácil perder o caminho e é contra este perigo que Pontalis nos alerta e adverte.

Neste sentido, o único conceito em Freud que me é realmente importante é a *pulsão*. No entanto - veja-se a ironia - Freud o definiu enquanto *conceito-limite* entre o somático e o psíquico. Atenção!, ele não diz, como muitos o mal-citam, que a pulsão está entre o psíquico e o somático. Nunca disse isto. Mas, é precisamente o *conceito*, é ele que está no limite. E eu diria que está

do conceito-limite é um contra-senso, pois o que faz um conceito ser conceito é sua *extensividade*. Se é limite, é para não ser conceito, ou quase não!

Como sofro da doença, comum a todos nós, tendo a acreditar que quando Freud enuncia algo assim, e sendo tão central, é preciso consultar a feiticeira, mesmo quando é ela mesma - como verão a seguir - o objeto desta indagação: o que ele nos assinala aqui é que a única maneira de *conceber* coisas em nosso terreno é neste *limite* da imediatez vivencial *corpo-psique*. É por isso que a verdadeira metáfora do imaginário teórico de Freud sempre foi o *biológico* donde ecoa a fonte atávica do corpo, exercendo esta exigência de trabalho sobre o psiquismo que chamamos de pulsão.

Freud dá aqui um tiro certo na problemática psicofísica que vem malhando a filosofia ocidental desde Sócrates até os nossos dias. E faz

É este afinal o nosso lema:
pathos enquanto meio de acesso - princípio
fundamental - para a *psique*.
A única maneira de *conceber* coisas
em nosso terreno é no
limite da imediatez vivencial *corpo-psique*.

no limite em sê-lo, pois como um conceito pode ser, ele mesmo, um limite? Reportar-se a esta noção em Kant não contradiz um princípio de base da filosofia analítica: o híbri-

isto no mesmo movimento que instaura sua bruxa⁵. Pois, do ponto de vista da teoria do conhecimento, a dicotomia corpo-mente é consequência pura do trabalho reflexivo

ao passo que a nossa sensação de base, *a imagem vivida*, é de uma unidade psicofísica. E é deste *limite*, nesta morada da feiticeira, feita pulsão, que se quer escapar para a civilizada área dos conceitos. Não podendo estender-me sobre isto apresento um resumo de um trabalho anterior (citado na nota 3).

A discussão filosófica em torno dos modos de conhecimento - *res publica* versus *res privata* - é de extrema relevância. Apesar disso, é preciso tocar em alguns dos seus aspectos que dizem respeito ao método e ao espaço analítico. Entretanto, não se pode deixar de comentar uma das questões mais instigantes, senão intrigantes, da filosofia ocidental: o problema psicofísico, ou de mente-corpo que atravessa a filosofia ocidental desde Sócrates até os dias de hoje, embora muitos filósofos modernos o considerem ultrapassado. Entre as quatro soluções principais que lhe foram dadas durante essa longa história (o dualismo interacionista, o paralelismo dualista, o epifenomenalismo materialista e o monismo) o primeiro parece ser, no plano epistêmico, a visão que encontra um amplo consenso e que mais condiz com os mundos dos fenômenos. Seja como for, o grande problema da relação ou da interação - entre mente e corpo - permanece em princípio incompreensível; é ininteligível do ponto de vista da *res publica* do método científico. E, é também inapreensível se examinado na direção contrária, da *res privata*, da subjetividade. Na realidade, o que vemos são correlações; como disse Mace, "correlações que podemos a princípio enxergar nunca poderão se tornar inteligíveis".⁶ Não se trata de um problema sobre o qual *não se pode ter, em princípio, uma resposta*. Vejamos um exemplo que nem é propriamente psíquico mas psicocognitivo: "*veja um quadro*

Freud percorre um caminho
 inverso à reflexão
 ocidental: mantém-se perto
 da imediatez vivencial, da unidade
 psicofísica, resgatando com
 a análise o corpo infantil e sexual,
 o inconsciente.

sobre a parede". O quadro sobre a parede será descrito com as categorias com as quais descrevo elementos do mundo externo, ao passo que o verbo "*veja*" é um fato interno e portanto não passível de ser descrito pelas mesmas categorias. É verdade que o mecanismo anátomo-fisiológico da visão será examinado da mesma forma e terá a mesma natureza, em princípio, do processo no qual um objeto é captado pelo filme fotográfico; tanto o filme como o aparelho visual não vêem coisa alguma; *somente o sujeito vê* - um atributo irreduzível à função e aos mecanismos do seu aparelho visual.

Dizemos acima que trata-se, no fundo, de um problema irracional. Porém, existe aqui uma dimensão na qual Freud revoluciona esta velha questão. O dualismo não constitui nossa posição "natural". A nossa sensação de base - a nossa vivência imediata - é de uma unidade psicofísica ao passo que a dicotomia entre mente e corpo é secundária, fruto de nossa reflexão. Freud percorre um caminho inverso à reflexão ocidental: ele parte e mantém-se perto da imediatez vivencial desta unidade, livrando ou resgatando, com a análise, o corpo infantil e sexual - o inconsciente. Os

modelos do corpo biológico (já que amarrados nesta unidade) servem-lhe de rede conceitual para captar e criar o aparelho psíquico. ■

NOTAS

1. Mais de trinta anos se passaram e eis que o trabalho de Rubens evocou em mim - à semelhança de um resto diurno - uma lembrança, um verdadeiro *rastro de vida* (Ferenczi). Devo ao Rubens, porém a lembrança é minha, pertencendo assim, àquelas que tendem a aguçar a consciência de sermos sós.
2. Lima, A. A. S. Lima, "Psicanálise e Sedes: uma tradição renovadora", *Percursos* 20:56-64.
3. Este tema foi elaborado em meu projeto de pós-doutoramento realizado entre 1994 e 1996 no Núcleo de Psicanálise da PUC-SP e com apoio da FAPESP Nº 94/1658-70 sob o título: *Alguns aspectos dos modos de conhecer e descobrir em psicanálise*.
4. Isto tem um grande valor didático e acredito que a hospedagem dada à psicanálise nas universidades permitiu um refinamento progressivo neste sentido, além de uma interlocução junto a outras disciplinas. Laplanche, nas pegadas de Lagache, foi o primeiro a realizar, junto com Fédida, essa marcha na instituição.
5. Muitos já deixaram de ver qualquer relevância neste problema. A verdade é que somente Husserl extinguiu, do ponto de vista epistemológico, tal problemática, evitando-a no ponto de saída com a instauração da fenomenologia.
6. A. C. Mace, *Philosophy* 41:p.161, 1966.